



# CORPOS NATURAIS E CORPOS ARTIFICIAIS: DISCUSSÕES SOBRE O ENVOLVIMENTO DOS SIGNOS DE GÊNERO

## *NATURAL BODIES AND ARTIFICIAL BODIES: EXAMINING THE ROLE OF GENDER SIGNS*

### Resumo

Partindo do campo teórico desenvolvido por Michel Foucault em sua análise histórica sobre os discursos normalizantes da sexualidade, observa-se o gerenciamento sobre os corpos de sujeitos vivos, inquirindo processos biológicos e naturalizando discursos. Partindo deste, bem como de outros contemporâneos, como Judith Butler, este ensaio objetiva relacionar as diferenciações correntes no âmbito social sobre corpo natural e corpo artificial em pessoas cisgênero e uso de anabolizantes, abordando modificações corporais, seus limites e sentidos. A metodologia circunscribe uma revisão bibliográfica que abrange artigos e teses, que contemplam as percepções dos sujeitos em relação ao uso de esteroides e cuidado relacionado ao gênero. Com a pesquisa foi possível observar certa prevalência pela estética na utilização de substâncias químicas e/ou intervenções cirúrgicas, bem como limites postos para que o corpo modificado continuasse sendo, esteticamente, percebido pela manutenção da naturalidade ou, então, que expressasse suas alterações pelos signos sociais ambicionados, como disciplina e autocuidado.

**Palavras-chave:** Anabolizantes; Gênero; Discursos; Corpo.

### Abstract

*Drawing from the theoretical framework developed by Michel Foucault in his historical analysis of normalizing discourses on sexuality, we observe the management of living subjects' bodies, interrogating biological processes and naturalizing discourses. Building upon this theoretical foundation, as well as contributions from other contemporary thinkers such as Judith Butler, this essay aims to examine current social differentiations between natural and artificial bodies in cisgender individuals and the use of anabolic steroids, addressing bodily modifications, their limits and meanings. The methodology is confined to a bibliographic review encompassing articles and theses that explore individuals' perceptions regarding steroid use and gender-related care. A certain prevalence of aesthetic focus over health was observable in chemical/surgical interventions. Additionally, limits were identified to ensure that the modified body continued to be aesthetically perceived as maintaining naturality or, alternatively, that it expressed its alterations through valorized social signs, such as discipline and self-care.*

**Keywords:** Anabolic steroids; Gender; Discourses; Body.

\*Ana Caroline Gonçalves de Souza

Recebido em: 20/07/2025

Aceito em: 29/09/2025

## 1. Introdução

Nos canais de comunicação, dos mais tradicionais aos meios digitais, discute-se “o corpo” por meio de reportagens médicas, venda de produtos estéticos e comentários midiáticos. Notadamente, discursos são produzidos e reproduzidos a todo momento. Ao resgatar historicamente os encaminhamentos que levaram à pretensão de regulação e uniformização da sexualidade, Michel Foucault<sup>1</sup> dimensiona os discursos sobre o sexo que pretendem contê-lo e normatizá-lo. De maneira semelhante, o biopoder, o gerenciamento da vida pelo Estado, deteve o corpo no adestramento e na especiação, ou seja, o ser vivo que transpassa o corpo e dá suporte aos processos biológicos.

Nesta linha, sob a ótica de Foucault<sup>2</sup>, a diferença sexual e o corpo estão socialmente postos, inseridos numa economia de discursos de uma determinada época e cultura. Assim, na contemporaneidade, a atenção à aparência física, a utilização de “drogas da imagem corporal” e expressões de gênero<sup>3</sup> compõem o que podemos chamar de “economia do discurso”, na perspectiva foucaultiana, sobre os corpos.

Diante disso, a modificação do “corpo natural” pode partir tanto do objetivo estético, enquadrando o sujeito nas expectativas de seu gênero, quanto da perspectiva da performance do gênero adquirido posteriormente ao nascimento. Ou então, fala-se sobre “manter” a ordem natural de desenvolvimento muscular, estética e desempenho físico. Com esta gama de manifestações, o objetivo deste ensaio é tensionar, de maneira breve, os discursos favoráveis e desfavoráveis aos tratamentos hormonais “moderados ou não”<sup>4</sup> — potencializar características geneticamente favoráveis ao fisiculturismo e/ou aperfeiçoamento estético em contraponto ao risco de adquirir características do gênero oposto e contrariar a anatomia “natural” e “saudável”. Ademais, objetiva tensionar os processos de naturalização da forma biológica do ser.

Para dar consequência a essa proposta, em termos metodológicos, recorreu-se à revisão bibliográfica de livros, artigos e teses que abordaram o uso de esteroides, a discussão de corpos modificados e mudanças corporais relacionadas às expectativas de gênero. A inspiração para o debate teórico está em Michel Foucault, com a obra *História da Sexualidade I: a vontade de saber* (2012)<sup>5</sup>, em específico o capítulo *A hipótese repressiva*, e Judith Butler, com a obra *Corpos que importam: sobre os limites discursivos do sexo* (2019)<sup>6</sup>, a fim de historicizar e localizar os debates sobre os aspectos discursivos, de construção de gênero e de identidade. Ademais, valeu-se de Thomas Laqueur, com a obra *Inventando o sexo* (2001)<sup>7</sup>, para as discussões de diferenças sexuais.

No expediente, primeiro foram consultadas publicações em bases de dados eletrônicas *Scielo* e *Google Acadêmico*<sup>8</sup>, utilizando como descritores “anabolizantes” e “gênero”, no entanto, na primeira base de dados não obtivemos produções relacionadas, tendo maior sucesso na segunda base de dados. A seleção dos artigos ocorreu a partir do título, resumo e palavras-chaves que propusessem a discussão. Disso chegou-se a Iriart, Chaves e Orleans<sup>9</sup> e Tramontano<sup>10</sup>. Em relação ao ano de publicação das pesquisas, utilizou-se o recorte anual a partir dos anos 2000, buscando contemporaneizar as discussões.

Em seguida, ampliou-se os termos usados nos descritores para incorporar “corpo artificial” e “corpo natural” isolados e em conjunto. Em ambas as bases os resultados foram semelhantes, “corpo artificial” apresentou trabalhos relacionados à inteligência artificial e saúde mental, os quais não foram selecionados; “corpo natural” apresentou maior relação com o que se buscava, no entanto, eram discussões relacionadas aos sujeitos transgêneros, os quais não fazem parte do objeto de estudo.

Como estratégia, reduziu-se o descritor para “corpo” e foram selecionados aqueles que, no título e no resumo, mencionaram “corpo” e “prática de musculação”, bem como a utilização de “esteroides” e “papéis de gênero”. Disso resultou-se na seleção de Damico<sup>11</sup> e Gomes<sup>12</sup>, entendendo a complementaridade das pesquisas. Os demais autores referenciados advêm de leituras prévias ou em virtude do ensaio, selecionados pela conveniência de seus argumentos e contribuição à discussão<sup>13</sup>.

Além desta introdução, este ensaio está dividido em cinco seções, a primeira: “O homem e a mulher em sua natureza *natural*”; a segunda: “Cuidado quantificado pela métrica *gênero*”; a terceira: “Contaminação do *status quo*” e, por fim, as “Considerações finais”. O

<sup>1</sup> FOUCAULT, M. A hipótese repressiva. In: *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2012.

<sup>2</sup> *Ibidem*.

<sup>3</sup> GUIMARÃES, T. F. A construção do corpo sexuado: uma reflexão sobre os significados de gênero e de como este se articula com o corpo. *Revista Sociais e Humanas*, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 148-161, 2012.; IRIART, J. A. B.; CHAVES, J. C.; ORLEANS, R. G. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, abr. 2009, p. 773.

<sup>4</sup> Dado este objetivo, é preciso ressaltar que não serão discutidos tratamentos generificantes de pessoas transgêneros, dada a abrangência do tema, o recorte será o uso de esteróides anabólicos-androgênicos (EAA, ou, simplesmente, anabolizantes) por pessoas cisgênero e o *bodybuilding*.

<sup>5</sup> FOUCAULT, 2012.

<sup>6</sup> BUTLER, J. *Corpos que importam: sobre os limites discursivos do sexo*. São Paulo: N-1 Edições e Crocodilo Edições, 2019.

<sup>7</sup> LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

<sup>8</sup> Cumpre ainda esclarecer que esse tipo de recurso, a despeito das potencialidades, apresenta também algumas limitações, o mais das vezes relacionadas aos termos usados nos descritores, que nem sempre correspondem ao que aparecem no título e/ou resumo.

<sup>9</sup> IRIART, J. A. B.; CHAVES, J. C.; ORLEANS, R. G. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.25, n. 4, abr. 2009.

<sup>10</sup> TRAMONTANO, L. A. Testosterona faz mal? Controvérsias do uso de medicamentos para a modificação corporal. Anais V Enlaçando sexualidades. Campina Grande: Realize Editora, 2017.

<sup>11</sup> DAMICO, J. G. S. O cuidado com o corpo como estratégia de sujeitos generificados. Movimento, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 93-117, 2007.

<sup>12</sup> GOMES, I. S. Corpo saudável, risco e bioperformance: uma cartografia dos discursos no território da Educação Física. Tese (doutorado em Sociologia). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

<sup>13</sup> Agradeço às indicações de literatura dos pareceristas, utilizo aqui, sobretudo, a monografia de Momade Saide Aiúba, "Entre os Arredores e o Centro da Cidade de Maputo: Percepções e Significados na Indústria do Fisiculturismo em Moçambique" (2022).

<sup>14</sup> LAQUEUR, T. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 192.

<sup>16</sup> DAMICO, J. G. S. O cuidado com o corpo como estratégia de sujeitos generificados. Movimento, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 93-117, 2007.

<sup>17</sup> Ibidem.

<sup>18</sup> Nesse argumento, Damico (2007, p. 105) refere-se ao "favorecimento da naturalização de aspectos biológicos do organismo que inferiorizam o corpo feminino", ou seja, a presença de argumentos que colocam o corpo de mulheres na procura minuciosa de marca indesejáveis no corpo — daí explicaria a vaidade — e na diferença metabólica entre feminino e masculino, que

ensaio apresenta três tensionamentos condutores, no primeiro discute-se a dicotomia entre natural e artificial sobre meios empregados na manipulação dos corpos, ou seja, o quanto a interferência altera características biológicas de homens e mulheres cisgênero ao ponto de serem rotulados como "não naturais". Em seguida, no segundo tensionamento, os cuidados direcionados ao corpo, para além de serem artificiais ou não, relacionam-se aos papéis de gênero atribuídos ao corpo feminino e ao corpo masculino. Por fim, no terceiro tensionamento, a partir da discussão sobre naturalidade e artificialidade, questiona-se por que a busca em estabelecer fronteiras?

## 2. O homem e a mulher em sua natureza natural

Ao percorrer, em retrospectiva, as ideias religiosas, filosóficas e científicas que rondam o corpo na modernidade, Laqueur<sup>14</sup> localiza o período que vai do século XVII às revoluções do século XIX, no contexto ocidental, a invenção dos dois sexos em contraposição ao sexo único. O contexto político aliado à produção científica buscou justificativas plausíveis para as relações sociais, não mais fundamentada na ordem transcendental, mas, na natureza associada ao sexo biológico. Como sugere o autor, "a anatomia sexual distinta era citada para apoiar ou negar todas as formas de reivindicações em uma variedade de contextos sociais, econômicos, políticos, culturais ou eróticos"<sup>15</sup>.

Diante disso, intervenções médicas na anatomia biológica de homens e mulheres que descaracterizam e/ou alteram características ditas inatas rompem com a diferença sexual natural dos gêneros. Justifica-se, assim, o uso da categoria "artificial" neste ensaio ao referir-se aos corpos manipulados em contraponto aos aspectos naturalizados. Compreende-se, para o público enfoque do ensaio, que corpos naturais são aqueles que não sofreram modificações corporais "drásticas". Mas o que podemos entender como drástico no amplo leque de transformações corporais, desde aparelhos ortodônticos, regulação da ingestão calórica, exercícios periodizados até a construção hormonizada de músculos?

No estudo de caso realizado por Damico<sup>16</sup> é possível apreender o "cuidado" no campo das práticas corporais (dietas, roupas, aparência no geral) que proliferam imagens e discursos sobre beleza corporal e cotidiano. Para o autor, o investimento na visibilidade do corpo, sobretudo por mulheres jovens, estabelece argumentos diferentes do que para homens. Busca-se argumentar que os "cuidados" empreendidos por mulheres e seus corpos são naturalizados, partindo, conforme observação de Damico<sup>17</sup>, da complexidade que é o organismo em relação ao organismo dos homens<sup>18</sup>, inferiorização do corpo feminino e a busca pelo detalhe anômico que definiria as diferenças entre homens e mulheres. Assim, os cuidados apresentados seriam "aceitáveis" e "compreensíveis", ainda que o transtorno dismórfico corporal, a bulimia ou a compulsão alimentar possam ser consequências nefastas dos padrões estéticos<sup>19</sup>.

Nota-se a presença de uma materialidade do gênero, palatável pelas expressões corporais e corporificadas do sujeito. Para Butler<sup>20</sup>, não há nenhum status ontológico ao gênero, ao sexo ou ao corpo para além dos atos discursivos. É analiticamente decisivo, então, relacionarmos a profusão de discursos médicos, midiáticos e cotidianos sobre sujeitos generificados (considerando que, pessoas cisgênero atuam conforme normas e expectativas precedentes ao seu gênero<sup>21</sup>), implicando nas contraposições da utilização da testosterona.

## 3. Cuidado quantificado pela métrica gênero

No estudo etnográfico realizado por Iriart, Chaves e Orleans<sup>22</sup>, os autores buscam associar a crescente importância atribuída à aparência física em paralelo com o aumento da insatisfação das pessoas com seus corpos. Em relação a isso, apontam a mudança no perfil dos usuários do que chamaram "drogas da imagem corporal", ou seja, os anabolizantes, antes restrito a atletas e fisiculturistas, agora popular entre pessoas não atletas.

Os pesquisadores constataram que, em ambas as classes sociais (classe média alta e classe popular, divisão dos autores), a motivação estética, preocupação com o invólucro corporal, foi a principal razão para o início da prática de musculação, e que a utilização de substâncias químicas adveio com a busca pela definição muscular e baixa adiposidade. Semelhantemente, Aiúba<sup>23</sup> aponta o número crescente de indivíduos adeptos ao treinamento de força relacionado, principalmente pela busca de qualidade de vida e boa estética, mas, também, pela crescente visibilidade dos fisiculturistas.

Signos da virilidade, atletas fisiculturistas, tais como Ronnie Coleman e Arnold Schwarzenegger, mencionados pelos entrevistados na época<sup>24</sup>, Chris Bumstead e Ramon Dino, em destaque nos anos de 2020, e seus corpos altamente musculosos e injetados são almejados por pessoas não atletas em ideais de masculinidade, disciplina e autorrealização. A repercussão valorizada destes fisiculturistas advém da percepção de corpo modelo, “símbolo de masculinidade, admirado e invejado pelos homens, e desejado pelas mulheres”<sup>25</sup>.

A dimensão da lição aprendida com o fisiculturismo, nos termos de Aiúba<sup>26</sup>, tem sua máxima no autoconhecimento, uma união equilibrada entre os sistemas: mente, corpo e espírito. Para o autor, o fisiculturismo ultrapassa a prática esportiva e acompanha a disciplina e harmonia do praticante durante a vida. Nota-se, portanto, elementos construídos na relação com o corpo que ultrapassam o invólucro corporal, espalhando-se na relação indivíduo-ambiente-sociedade, “o importante é que você se torne em um indivíduo completo e não apenas uma colecção de músculos bem arredondados”<sup>27</sup>.

Entre médicos contrários ao uso de anabolizantes, conforme Tramontano<sup>28</sup>, a perda de “características femininas” seria um contraponto à utilização feita por mulheres — a citar, os efeitos indesejados seriam o engrossamento da voz, encolhimento dos seios, crescimento de pêlos no corpo, alterações na menstruação, aumento da libido e do tamanho do clitóris<sup>29</sup>. Assim sendo, mulheres tornar-se-iam masculinizadas ao adquirirem características biológicas que não correspondem ao gênero feminino.

O “uso abusivo” de anabolizantes por homens ocasiona desequilíbrio hormonal, levando à “ginecomastia, atrofia testicular, alterações na morfologia do esperma e infertilidade”<sup>30</sup>, fatores que são lidos como efeitos negativos para a perda de características masculinas. O aumento das glândulas mamárias (ginecomastia) traria ao sujeito um elemento do sexo/gênero oposto, desregulando o funcionamento “normal” de um corpo “naturalmente masculino”.

Esta distinção masculino/feminino advém do dimorfismo corporal empreendido no ocidente ao fim do século XVII, o que, para Laqueur<sup>31</sup>, relaciona-se às novas formas de interpretar o corpo e a revolução sociopolítica que operou na rediscussão do estatuto social da mulher e do homem. O modelo dicotômico promoveu no vocabulário e no discurso a distinção sistemática de órgãos, estruturas do esqueleto e do sistema nervoso, a fim de corresponder aos aspectos culturais do masculino e do feminino<sup>32</sup>.

De modo a recapitular o exposto até aqui, pode-se entender que a barreira entre o corpo natural e o corpo artificial é porosa e desigual: para as mulheres, idealizam-se cuidados para remoção de imperfeições corporais ao ponto de que estas modificações sejam percebidas como naturais, disso, o uso de substâncias químicas deve trazer harmonia com músculos “na medida feminina”. Para os homens, busca-se afirmar sua condição de sujeito masculino pela “força” que o corpo transmite e suporta, sendo assim, o uso de anabolizantes é tolerado ao ponto de que não adquira características femininas, independente de parecerem naturais ou não, músculos proeminentes são lidos pelo esforço despendido.

#### 4. Contaminação do *status quo*

Com tudo isso, partimos para algo comum entre o primeiro e segundo tensionamento. A naturalidade, desejada ou não, está posta no debate e é escrutínio de homens e mulheres. Daí a terceira e última tensão: por que discutimos a artificialidade do corpo e reivindicamos o seu estado “puro”<sup>33</sup>? Como visto, não sendo discursos uniformes, a desigualdade de gênero se expressa pelas demandas que se exige do homem e da mulher. Para Butler<sup>34</sup>, a construção de gênero opera por meios de *exclusão*, para além da criação de seres abjetos, excluem-se, em cada um dos gêneros, símbolos operadores do seu oposto — homem/mulher e mulher/homem.

O critério de seletividade para a pureza do corpo remonta a diferenciação biológica e funcional dos corpos, bem como ganha novos contornos com as possibilidades de intervenções químicas. Assim sendo, se “natural é a fonte da juventude e a coisa certa a se fazer”, pela popular frase do nutricionista Rodrigo Góes, os problemas cardiovasculares, doenças hepáticas, distúrbios psicológicos e alterações hormonais são os únicos contra indicativos para utilização de anabolizantes? Como exposto ao longo do ensaio, acredita-se que não.

dificultaria uma pele livre de estrias e celulites, por exemplo, estando incumbidas em se “matarem fazendo exercícios”.

<sup>19</sup> GOMES, I. S. Corpo saudável, risco e bioperformance: uma cartografia dos discursos no território da Educação Física. Tese (doutorado em Sociologia). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

<sup>20</sup> BUTLER, J. Corpos que importam: sobre os limites discursivos do sexo. São Paulo: N-1 Edições e Crocodilo Edições, 2019.

<sup>21</sup> Sobre isso, Oyēwūmí (2021) discute a imposição das categorias de gênero do Ocidente sobre os discursos iorubás. Para a autora, a ideologia do determinismo biológico nas sociedades ocidentais fornece base lógica para a organização do mundo social; nas sociedades ocidentais, os corpos físicos são sempre corpos sociais. Em outras palavras, há uma relação genericada entre corpo humano e papéis sociais, que, por sua vez, demanda dos sujeitos a racionalidade corporal nas sociedades ocidentais, o que abarca a performance do gênero, pelos termos de Butler (2019).

<sup>22</sup> IRIART; CHAVES; ORLEANS, 2009.

<sup>23</sup> AIÚBA, M. S. Entre os Arredores e o Centro da Cidade de Maputo: Percepções e Significados na Indústria do Fisiculturismo em Moçambique. Monografia (Licenciatura em Antropologia) - Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane. Maputo, p. 42, 2022.

<sup>24</sup> IRIART; CHAVES; ORLEANS, 2009.

<sup>25</sup> PEREIRA, J. R.; DA MATA, J. I. S.; BISPO, T. C. F.. Percepção de um corpo saudável para

homens que frequentam academias de musculação. *Revista Enfermagem Contemporânea*, Salvador, Brasil, v. 2, n. 1, 2013, p. 13.

<sup>26</sup> AIÚBA, 2022.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 24.

<sup>28</sup> TRAMONTANO, L. A. Testosterona faz mal? Controvérsias do uso de medicamentos para a modificação corporal. *Anais V Enlaçando sexualidades*. Campina Grande: Realize Editora, 2017.

<sup>29</sup> IRIART; CHAVES; ORLEANS, 2009, p. 774.

<sup>30</sup> *Ibidem*.

<sup>31</sup> LAQUEUR, T. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

<sup>32</sup> NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 9, 2000.

<sup>33</sup> Um breve apêndice do terceiro tensionamento, Tramontano (2017) também discorre sobre a dicotomia natural/artificial e rememora um ponto de encontro interessante entre aqueles pró-uso e aqueles contrários ao uso de anabolizantes: defesa da autonomia. Por um lado, os “hackers de gênero” defendem o direito da propriedade coletiva e comum dos “biocódigos de gênero, sexo e raça” (Preciado, 2013, p. 352 apud Tramontano, 2017, p. 5), assim, as diferentes expressões de gênero manipuladoras de hormônios questionariam o paradigma binário. Por outro lado, teóricos da medicalização e bioeticistas mostram-se contrários à massificação desse uso, uma vez que a autonomia do indivíduo está, na verdade, no processo saúde-doença e no próprio corpo de funcionar sem intercorrências; ainda pela leitura de Tramontano (2017),

As características generificantes aos sujeitos condicionam a maneira com que se percebem e são percebidos na realidade social. Ainda que procedimentos estéticos, cirurgias e suplementação hormonal estejam no horizonte, as características de homens e de mulheres também estão, e os limites intransponíveis de um para o outro margeiam a naturalidade corpórea. “Mulher masculinizada” e “homem feminilizado” são sujeitos não puros, uma vez que transgridem formas sociais e culturais de ser “mulher-feminina” e “homem-masculino”. Conforme demonstra Foucault<sup>35</sup>, o discurso adquire função de exclusão, categorias médicas prescritas à saúde humana agem na mobilização de subjetividades, tornando-se “valor social ao mesmo tempo instrumento biopolítico”<sup>36</sup>.

Nesse sentido, a instrumentalização de exercício físico e dieta alimentar a fim de maximizar a autonomia motora e nutrir músculos viçosos — aqui, sem o uso de anabolizantes — são positivados, pois entende-se o autocuidado e a gestão da vida de maneira equilibrada. Tal aspecto está conectado tanto com “a coisa certa a se fazer” aconselhada por Góes quanto com a “valoração moral — do corpo e — do cuidado de si”<sup>37</sup>.

## 5. Considerações finais

As reivindicações a favor do “corpo saudável”, ao falar das modificações químicas e físicas, retomam os aspectos discursivos indicados por Foucault<sup>38</sup>, uma vez que as formas de pensar, escrever e falar sobre o “estado puro do corpo” confundem-se com a realidade natural — também problematizada. Assemelhado a uma máquina, o corpo concebe uniões entre ciências e tecnologia (próteses, cirurgias, suplementação e anabolizantes). Pelas observações de Gomes<sup>39</sup>, este leque de recursos e saberes implica na construção da subjetividade do sujeito a partir da fragmentação de seu corpo em partes “a serem melhoradas”.

Ao longo deste ensaio, três tensionamentos foram abordados. Partimos da divisão sexual dos indivíduos como sendo essencial para as delimitações do que se espera de um ser humano natural e, por conseguinte, da importância do discurso científico para que a anatomia sexual fosse articulada por concepções culturais, dimensões que dão o tom para que modificações materiais sejam recebidas. Em seguida, pudemos notar que o *gênero* é uma categoria indissociável nos procedimentos de cuidado cabíveis, a realização da identidade está acompanhada da realização dos indicativos de gênero, os quais possuem limites intransponíveis para seu oposto. Por fim, questionamos os discursos purificantes do status vigentes na diferenciação biológica e funcional dos corpos, e pudemos observar que as preocupações de saúde não são as únicas operadoras da diferença e abjeção, discursos de exclusão predizem corpos generificados.

De maneira a concluir, as fronteiras que delimitam o sujeito generificado legítimo, constituem discursos diferenciadores de organismos biológicos e papéis sociais, atribuindo desigualdades para as diferenças<sup>40</sup>. A distinção do “eu masculino” e do “eu feminino” está profundamente enraizada num “corpo diferenciado”<sup>41</sup>. A manipulação de “hormônios masculinos” conecta-se à engenharia das diferenças de gênero da sociedade ocidental, a qual constrói, sistematicamente e ininterruptamente, fronteiras do abjeto, como arraias que a modificação corporal abarca no limite de não se mesclar com o seu contrário.

## Notas

\* Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Email:

souzagana@gmail.com

## Referências

AIÚBA, M. S. *Entre os Arredores e o Centro da Cidade de Maputo: Percepções e Significados na Indústria do Fisiculturismo em Moçambique*. Monografia (Licenciatura em Antropologia) - Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane. Maputo, p. 42, 2022.

BUTLER, J. *Corpos que importam: sobre os limites discursivos do sexo*. São Paulo: N-1 Edições e Crocodilo Edições, 2019.

DAMICO, J. G. S. O cuidado com o corpo como estratégia de sujeitos generificados. **Movimento**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 93–117, 2007. DOI: 10.22456/1982-8918.2927. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2927>. Acesso em: 17 jun. 2025.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: O nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2003.

FOUCAULT, M. A hipótese repressiva. In: **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2012.

GOMES, I. S. **Corpo saudável, risco e bioperformance: uma cartografia dos discursos no território da Educação Física**. Tese (doutorado em Sociologia). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

GUIMARÃES, T. F. A construção do corpo sexuado: uma reflexão sobre os significados de gênero e de como este se articula com o corpo. **Revista Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 148–161, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/2814>. Acesso em: 18 jun. 2025.

IRIART, J. A.B.; CHAVES, J. C.; ORLEANS, R. G. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, abr. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2009000400008>. Acesso em: 20 jun. 2025.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 9, 2000. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917>. Acesso em: 18 jun. 2025.

OYĔWÙMÍ, O. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Editora Bazar do Tempo, 2021.

PEREIRA, J. R.; DA MATA, J. I. S.; BISPO, T. C. F.. Percepção de um corpo saudável para homens que frequentam academias de musculação. **Revista Enfermagem Contemporânea**, Salvador, Brasil, v. 2, n. 1, 2013. DOI: 10.17267/2317-3378rec.v2i1.162. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/162>. Acesso em: 11 jul. 2025.

PIERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença**. In: **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999.

TRAMONTANO, L.. A testosterona faz mal? Controvérsias do uso de medicamentos para a modificação corporal. **Anais V Enlaçando sexualidades**. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30438>>. Acesso em: 23 jun. 2025.

bioeticistas acusam os “hackers de gênero” de interferirem na normalidade orgânica e intercorrer à artificialização dos corpos.

<sup>34</sup> BUTLER, 2019.

<sup>35</sup> FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: O nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2003.

<sup>36</sup> GOMES, 2020, p. 129.

<sup>37</sup> Ibidem.

<sup>38</sup> FOUCAULT, 2012.

<sup>39</sup> GOMES, 2020.

<sup>40</sup> PIERUCCI, A. F. *Ciladas da diferença*. In: *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34, 1999.

<sup>41</sup> NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 9, 2000.